



## ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO CATÓLICA DE SÃO PAULO

Rua Barão de Tatuí, 544

São Paulo - SP - Brasil - CEP 01226-030

Fone/Fax: (11) 3667-7866 / 825-7126 / 825.7317 / aec-sp@aec-sp.org.br

---

### **Religião e Educação no cotidiano da Escola: Encanto ou Desencanto?**

Nos propomos nesse trabalho analisar a religião e a educação como resultado do processo de produção e socialização de conhecimentos condicionados pelas necessidades, desejos, interesses, preocupações, sonhos de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e sociedades. Sendo a religião e educação o resultado desse processo histórico, sem dúvida, estão permeadas pelas contradições inerentes em cada contexto. Como não há sociedade plenamente sadia, emergem no processo educativo os entraves que despotencializam o ser humano e outros que encantam, seduzem e tornam o universo todo significativo.

Neste sentido tanto a religião como a educação são um modo de conhecimento e de compreensão do mundo, possibilitam ou não sentido aos dados da realidade e, legitimam, transformam, criam e estruturam sistemas simbólicos que encantam ou desencantam.

Dentro dessa dinâmica nos propomos pensar o cotidiano da escola, destacando a função da educação e da religião. Para avançarmos na compreensão do papel que desempenham o processo educativo e a religião, é preciso analisar alguns pressupostos que perpassam o cotidiano da escola e exercem grande influência sobre suas ações e, em inúmeras situações, as determinam. Tendo presente “cotidiano e escola: razões para fazer e para sonhar”, vamos destacar alguns aspectos que julgamos importante na interação da escola, como instituição, com outras instituições, seja familiar, religiosa ou inúmeras outras formas de institucionalizar a vida.

#### **1. O Ser humano e a construção da identidade**

O ser humano nasce deficiente no plano genético quanto à sua adaptação ao mundo. Esta inadaptação originária obriga-o a inventar, a transformar a natureza para que ela se ajuste às suas exigências. Como qualquer ser vivo ele enfrenta o problema da sobrevivência. Enquanto o animal está com uma programação biológica completa que o adapta ao seu meio ambiente, o ser humano, devido à falta de tal programação fechada, tem que criar mecanismos de adaptação. Para transformar o mundo em que ele se encontra, ele inventa técnicas e instrumentos, que podem ser considerados extensões do seu corpo. Essa inadaptação biológica possibilita a transição do organismo para a pessoa humana e o diferencia de outras formas de vida.

Outra característica do ser humano ao revelar o seu ser-no-mundo, são as relações vividas. Relações que podem apresentar-se como ser-em-situação, ser-com-o-outro ou em tantas outras formas. Assim, o ser humano revela o seu ser a partir desse algo a mais. Esse algo a mais do ser humano se entende, como um estar constante e vivo debaixo de um apelo que parte dos fenômenos deste mundo e como um responder constante e vivo a este apelo. Apelo que emerge das necessidades, desejos, interesses, preocupações e sonhos.

As relações que definem o estar-no-mundo do ser humano são: a sua relação com a natureza e as relações sociais. Diante da natureza o ser humano experimenta-se como um ser dependente das forças naturais. Neste sentido a construção simbólica decorrente, é um reflexo imediato desta experiência e da busca de explicar a causalidade daquilo que se vive, como também, procura assegurar a sobrevivência do indivíduo e/ou grupo.

O outro tipo de relações fundamentais são as relações sociais. Só a pertença do indivíduo ao grupo garante-lhe a vida e o integra na ordem cósmica. A relação é tanto harmonizante como antagonica. Tem como objetivo desenvolver o sentido de pertença, procurando suscitar a solidariedade, frear os desvios individuais e estabelecer limites.

Nessa dinâmica o ser humano para a sua orientação e ordenação do mundo em que vive, necessita de símbolos. O símbolo, originalmente, é um sinal de relação pelo qual se reconhecem os

aliados. Sua primeira função é estabelecer um vínculo, uma relação entre as pessoas. Uma outra função consiste em expressar a relação entre os seres humanos e o cosmos. O ser humano interpreta e transpõe a experiência imediata que faz de cada coisa. Ele dá um significado e/ou sentido aos fenômenos que verifica. E é exatamente esta interpretação que se torna a realidade vivida pelo ser humano. Realidade que lhe é própria e o caracteriza.

O potencial do ser humano emerge da sua não programação, da busca relacional e da capacidade de atribuir significado às coisas. Essa abertura é que possibilita a criação de cultura<sup>1</sup>. Cultura entendida como ampliação da natureza e, ao mesmo tempo, é a que determina o modo de ser de cada pessoa, grupo e sociedade. É a resposta dada pela pessoa, grupo, sociedade às suas necessidades, desejos, interesses, preocupações, sonhos, etc. Quando a cultura passa a ser sistematizada alheia à natureza, volta-se em inúmeras situações contra os princípios básicos da vida. Por isto, diante dos distúrbios culturais, contradições que geram morte, não podemos afirmar que é algo natural. Pode haver consenso criado pela cultura, mas não necessariamente ser um comportamento saudável. Nesse sentido, “ser normal não significa ser saudável”. Paulo Süss afirma que “a utopia inconsciente do trabalho humano é a reconciliação com a natureza”<sup>2</sup>. Há uma busca constante no sentido de potencializar a natureza, mesmo que muitas vezes, essa busca se manifeste e esteja em direção equivocada.

Sendo assim, entendemos a Educação como o processo que fazemos para assimilar, criar e passar a cultura. Poderíamos nos perguntar: Quem lida com a inadaptação? Adaptar a quê? Qual a qualidade das relações? Quem atribui significado aos dados da realidade? A elaboração cultural favorece quem?

Há um consenso entre os pesquisadores de que nós só criamos a partir daquilo que já foi criado. Da mesma forma ninguém se torna ser humano se não tiver para quem olhar, isto é, se não tiver referenciais, “modelos”, não se tornará ser humano. Este processo de entrada numa cultura e a conseqüente construção da identidade se dá em três fases: A primeira fase é a de adoção - olhar, imitar. O segundo momento é o de experienciar - ver se funciona, realiza um jogo a partir daquilo que já foi observado e experimentado. Num terceiro momento se dá a criação - se acrescenta algo a mais.



As três fases estão interligadas, não são estanques

Todo conhecimento humano, uma vez elaborado, torna-se patrimônio da humanidade. Conhecimento que está disponível para ser adotado, experimentado e recriado. E, a escola é um dos espaços privilegiados de socialização dos conhecimentos produzidos e acumulados, como também é espaço de criação de novos conhecimentos.

A transmissão de conhecimentos se dá marcada por muitas contradições, nem sempre gera vida. Se pensarmos na construção de uma sociedade saudável, devemos ter em conta três dimensões apontadas por Mc Lean<sup>3</sup>, ao analisar a evolução do cérebro e comportamento humano. Afirma que há um cérebro básico, chamado Reptiliano, que é o responsável pela sobrevivência, é o que possibilita e garante a vida e a sobrevivência da espécie, este é comum a todos os animais. Um segundo, chamado Límbico, que é responsável pela afetividade, comunicação, amor, é o que possibilita estabelecer relações, todos os animais de sangue o possuem. O terceiro é o Neo-cortex, responsável pela sistematização, racionalização, é o que possibilita a noção de história, tempo e espaço, é pouco

<sup>1</sup> . Cf. Roque de Barros LARAIA. *Cultura. Um conceito antropológico*. RJ, Jorge Zahar Editor, 1988.

<sup>2</sup> .Cf. Paulo SÜESS (org.). *Culturas e Evangelização*. São Paulo. Loyola, 1991.

<sup>3</sup> . Cf. MC LEAN, P.D. *Evoluzione del cervello e comportamento umano*. Einaudi, Milão.

desenvolvido nos chimpanzés e comum nos seres humanos. Segundo Mac Lean o ser humano saudável surgirá da integração entre as três dimensões, pois todas são fundamentais. A dissociação cria inúmeros obstáculos ao desenvolvimento saudável da vida.

Pensando na construção da identidade e na importância dos referenciais podemos nos perguntar: quais “modelos” se apresentam e permeiam tanto o processo educativo como os espaços religiosos? São estes referenciais que, sem dúvida, exercem papel decisivo na construção da identidade humana. Analisaremos alguns aspectos do processo de desenvolvimento humano para melhor compreensão das inter-relações no cotidiano.

## 2. Encanto e desencanto no processo de desenvolvimento do ser humano

O desenvolvimento do ser humano se dá num processo relacional e ritmos multiformes. Este dinamismo nem sempre é respeitado, uma vez que a padronização criada por modelos rígidos das instituições educacionais, sociais e religiosas, impedem, em muitos casos, o fluir da vida.

O desenvolvimento natural e saudável se dará na busca da integridade, que só é possível se houver um processo de construção da autonomia. Não há autonomia absoluta, ela sempre é relativa, pois existe uma inter-relação dos fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e transcendentais. São diferentes dimensões que interagem num processo contínuo.

A visão integral possibilita uma atitude otimista diante da vida, e é de fundamental importância. Isto porque hoje, não é só o ser humano que está ameaçado na sua existência, mas todo o planeta. Entrar na sintonia da vida é a expressão maior de que somos “centelhas divinas”. Para participar do projeto criador é preciso acordar, despertar do sono que as instituições nos submetem, para que a vida não passe despercebida, como afirma J. L. Moreno: “A tarefa do nosso século é reencontrar uma posição para o homem no universo”<sup>4</sup>. A ação educativa deverá contemplar esta questão, e intensificar o contato do ser humano consigo mesmo e, então, dos seres humanos entre si, abrindo-se ao transcendente.

A busca de uma vida saudável perpassa as diferentes fases da vida, desde o pré-natal até o social, isto é, desde a simbiose até a diferenciação. A partir desta compreensão apontamos alguns pressupostos para a ação no cotidiano, especialmente no que se refere ao papel da escola e da religião. Não há uma forma unitária dentro das ciências para a compreensão do processo educacional e da experiência religiosa. Neste sentido, nos propomos, apenas, apresentar alguns elementos que julgamos importante para seguir refletindo sobre esta questão.

### *O desenvolvimento pré-natal – intra-uterino*

Inúmeros estudos apontam para a maravilha e compreensão de que o útero define as esferas da criança. A maneira como ela recebe as mensagens intra-uterinas seja - acolhida, rejeitada, frieza, indiferença - é que determinam a personalidade e criam as predisposições do caráter<sup>5</sup>. Isto é, o mundo para criança parecerá exatamente como lhe havia parecido o útero.

Os sentimentos essenciais como o amor e a rejeição têm repercussões sobre a criança muito cedo. Inúmeros pesquisadores<sup>6</sup> afirmam que uma atitude positiva diante da gravidez, associada ao fato de colocar no mundo uma criança do sexo desejado, cria o campo favorável ao desenvolvimento harmonioso da personalidade. Inclusive os gostos sexuais de um indivíduo exprimem a maneira pela qual ele aprendeu e se percebeu antes do nascimento. “No Eu-fetal a relação com a mãe é fusional”, o movimento é da mãe em relação ao filho<sup>7</sup>. Essa relação é fundamental e se não for possibilitado um desenvolvimento saudável, cria uma cobertura autista, psicótica. São defesas, colocam os limites para a formação da identidade do Eu, a energia se concentra para garantir a sobrevivência. A identificação na vida se dará com uma pessoa, objeto, etc., e não consigo mesmo. É um bebê grande.

A racionalização e mecanização do ocidente têm destruído a confiança e profunda ligação natural existente desde o momento da gravidez. O nível de comunicação não é só fisiológico e sim comportamental de sintonia ou não com o novo ser. Infelizmente uma sociedade doente, gera mães e filhos doentes.

<sup>4</sup> . J.L. MORENO. *Fundamentos do Psicodrama*. Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1984.

<sup>5</sup> Cf. W. REICH. *Análise do Caráter*, Martins Fontes, SP. J. L. MORENO. *Psicodrama*. Cultrix, SP, 1993, entre outros.

<sup>6</sup> . Cf. Thomas VERNEY. *A Vida Secreta da Criança antes de nascer*. C.J. Salmi, São Paulo.

<sup>7</sup> Cf. Fernando T. ACOSTA. Reflexões sobre identidade e vegetoterapia caracterioanalítica, humanizando-nos... Em: *Energia, Caráter e Sociedade*. n. 1, agosto de 1990, p. 36.

Navarro afirma que 30% da humanidade possuem o núcleo psicótico, isto porque sofreram stress durante o período de gestação<sup>8</sup>. O comportamento será sem contato e mesmo que sejam pessoas intelectuais, com muita facilidade para as reflexões, do ponto de vista psicológico estarão na maioria de suas atividades buscando um útero, como forma de garantir a sobrevivência.

Do ponto de vista antropológico se afirma que as religiões são construções humanas feitas historicamente e condicionadas pelos anseios, dificuldades, esperanças presente em cada cultura. Este pressuposto nos leva a crer que alguém com núcleo psicótico ou com manifestações psicóticas será influenciado diretamente na sua relação com o transcendente. Se o psicótico não tem o Eu, torna-se impossível estabelecer relações efetivas seja consigo mesmo, com o outro e conseqüentemente com o transcendente. As relações são muito mais fantasiosas do que reais. É claro que, para o psicótico elas são reais e não há o que discutir. Valeria um estudo sobre as manifestações religiosas atuais e suas concepções de transcendente.

### ***Desenvolvimento no primeiro campo – simbiose mãe filho(a)***

Neste campo o novo ser está em relação simbiótica com a mãe. Com o nascimento há uma separação corporal, mas não psicológica. A criança e a mãe do ponto de vista psicológico são a mesma coisa. Para a criança a mãe como também os objetos são extensão dela mesma.

A identidade está ligada a uma amamentação adequada que se dá no processo de olhar o seio e o rosto da mãe. Isto é, a criança olha a mãe e ao olhar o seio, olha para ela mesma. É um processo dinâmico de olhar a referência, que é a mãe, e olhar para si mesma. Sem referência não há formação da Identidade, do EU. A referência possibilita a convergência.

A criança precisa da mãe para construir o seu Eu. Ela primeiro incorpora a figura da mãe para depois se desidentificar. Isto acontece quando a criança descobre que o mundo não é só a mãe, mas também é ela mesma. Existe uma relação com o não-Eu e o Eu só pode ser construído a partir do não-Eu. Eu e o outro e algo que nos une. Esse processo possibilita a diferenciação.

É importante ressaltar que a amamentação não é só alimentação, mas sim amor, calor, que criam condições para o amor. Amar é reconhecer e despertar com o outro. Segundo Navarro 45% da população são borderline, vivem no limítrofe, na borda, em ter ou não contato consigo mesmo, isto pela referência ter sido desfavorável, conseqüentemente, a passagem ocorre com dificuldade. O borderline tem uma sensação de perda, pela amamentação inadequada e desmame inadequado.

A simbiose expressa a indiferenciação e se não houver as passagens as experiências se manifestam de forma indiferenciada, as sementes da confiança, coragem, esperança e amor fundem-se de forma indiferenciada com as ameaças de abandono, privações, frustrações, sentidas pelo bebê. A qualidade das relações nesta fase serão determinantes para tudo o que virá posteriormente<sup>9</sup>.

As relações podem expressar-se como busca de uma mãe que dê o alimento, o colo, onde há pouca iniciativa por medo, insegurança. A grande Mãe têm que resolver... Ela é que sabe, resolve, pode tudo. A identidade é muito frágil. Há uma pseudo-relação, mais por medo que por amor e liberdade. Há pouco compromisso efetivo, e quando acontece, logo desinteressa por perder o contato consigo mesmo. É uma postura que deixa com que outros sejam os protagonistas. “Deus irá resolver todos os problemas”. É uma atitude de passividade e de legitimação do “status quo”, pois não há o que fazer, “basta esperar”. Deus garantirá o que for necessário.

### ***Desenvolvimento no segundo campo – familiar***

Com o desmame a criança passa para o 2º campo, que é o campo familiar. A criança amplia o seu campo de relações e a relação simbiótica com a mãe deixa de existir. Neste período do desmame, em torno do nono mês, a criança com a mudança de alimentação cria transformações muito significativas, pois a criança começa a mastigar, utilizar os dedos, andar, passa a agir e dá uma sensação de poder. Poder que emerge da possibilidade de alimentar-se, isto significa garantir a própria sobrevivência. Já não está totalmente nas mãos da mãe.

A família é de fundamental importância para ampliar os referencias da criança. A figura paterna é determinante para romper a simbiose e fortalecer a diferenciação. Os limites neste campo também são imensos e determinados por concepções culturais anti-naturais. A falta de confiança impede arriscar-se, por isto não percebe seus valores. Segundo Navarro são 20% de Psico-neuróticos,

<sup>8</sup> . Frederico NAVARRO. *Somatopsicopatologia*, Summus, SP, 1996, p. 14

<sup>9</sup> . Cf. James W. FOWLER. *Estágios da Fé*. Sinodal, São Leopoldo, 1992, p. 105-7.

que se tornam assim por problemas enfrentados dos 9 meses até a puberdade. Têm medo de arriscar-se pela falta de confiança.

Todo processo educacional deveria se basear no contato consigo mesmo e com o outro. Neste processo perceber as potencialidades e os limites. Infelizmente na sociedade as relações são na grande maioria constituídas a partir do Eu ideal. A questão básica que a sociedade se coloca é: quem é o melhor? Para “ser” é preciso fazer com que o outro não seja. É uma deturpação do sentido da vida e do saudável caminho em busca da individualidade, para poder “Ser com o outro”.

Nesta fase “a criança pode ser influenciada de modo poderoso e permanente por exemplos, temperamentos, ações e estórias da fé visível dos adultos com os quais se relaciona”.<sup>10</sup> É um período rico na produção de imagens e sentimentos que permanecem ao longo da vida, sejam eles positivos ou negativos. Emerge como afirmamos a questão da autonomia, que pode ser reprimida por conta de culturas castradoras. É o campo em que são inúmeras as perguntas das crianças, inclusive sobre o fim último da existência. O esforço centra-se em perceber as bases da distinção entre o que é real e o que apenas aparenta ser.

A criança situa-se entre a fantasia e a realidade, neste sentido ela busca descobrir e dar coerência à experiência. Um dos grandes riscos são as leituras fundamentalistas dos textos sagrados que se opõe às teorias científicas da evolução, teorias às quais as crianças passam a ter acesso na escola. Pois, é nesta fase que a criança entra na escola. A escola no processo educacional deve considerar as fases anteriores, se efetivamente quiser contribuir para o desenvolvimento saudável da criança.

Há um forte princípio de dependência e reciprocidade caracterizado pelo ambiente familiar, pode reforçar a autonomia e favorecer relações recíprocas, ou consolidar a dependência pelo ambiente supercontrolador. Este processo de desenvolvimento vai numa perspectiva interpessoal, onde a criança passa a assumir responsabilidade no contexto familiar, e em certas atividades no campo social como escola, grupo de amigos, catequese, etc. Neste fase está muito presente a necessidade de um relacionamento mais pessoal com o outro, o diferente, e o grande outro, Deus. Investir com seriedade nessa fase é tarefa da escola. Muitas vezes se omite, porque são crianças, é preciso considerar que quanto mais cedo ocorrer as influências, mais determinantes no modo de ser.

### ***Desenvolvimento no terceiro campo – social***

A escola tem uma importância fundamental para que a passagem da criança se dê com naturalidade do segundo para o terceiro campo, que é o social. A vivência no terceiro campo é bem limitada, isto se dá por uma série de entraves culturais que determinam a postura do pai e da família em relação à educação dos filhos.

Viver a diferença, a autonomia, numa sociedade que busca manter a simbiose, é desafiador. Talvez o grito mais forte que emerge dos porões do ser humano seja “quero ser diferente, mas quero ser amado”. Infelizmente poucos escutam. O diferente incomoda, exige definição e que cada um perceba a sua diferença com todas as ambigüidades. A mãe que reproduz o que a sociedade espera, isto é, a padronização, uniformização dos filhos, é porque também foi produzida por ela, isto é, foi padronizada, não adquiriu a sua individualidade e autonomia.

Dentro da dinâmica da vida sabemos que a grande luta pela independência, pela autonomia, se dá na adolescência. Para chegar a “autonomia” no campo social é preciso romper a simbiose familiar. Aqui é que está um dos grandes problemas, porque faltam referências, “modelos”, para os adolescentes que na grande maioria os pais não são. Num primeiro momento a assimilação de um papel se dá pela identificação, e só no processo é que se dá a diferenciação. A insegurança dos pais frente esta realidade os leva a tomar duas atitudes - uns puxam o adolescente para dentro da família, mantém a simbiose pela pressão, violência; outros jogam para fora, para longe, não suportam a busca e conseqüentemente o rompimento da simbiose.

A questão é que não são só os adolescentes que não conseguem um espaço, é também, a sociedade que não suporta a ruptura e a chegada desta força vital. Não existem ritos de passagem que possibilitam uma sadia individualização. Os ritos são repressão, confinamento, manipulação, eliminação, para que haja “paz” da sociedade doentia. Procura de todas as formas manter a coesão.

Sem a passagem para o social jamais teremos uma sociedade saudável. Neste processo todos somos co-responsáveis. A falta de identidade reproduz modelos externos seja europeus, norte-

---

<sup>10</sup> . James W. FOWLER. Op. Cit. p. 116

americanos, asiáticos, mas que acabam mantendo as relações de simbiose com o modelo familiar. Só é possível atingir a maturidade individual e social rompendo com a identificação com um modelo preestabelecido, seja nacional ou importado<sup>11</sup>. Isto se constrói não com complexo de culpa, inferioridade, onipotência e sim com responsabilidade.

Neste campo as relações tornam-se mais amplas. E, o processo de relação exige informações de valores, uma vez que a identidade não esta suficientemente desenvolvida. Neste sentido é predominante a busca de um “mito” pessoal – o mito do próprio vir a ser. As relações podem ser compensaria pelas deficiências, não relacionadas com o cotidiano da vida. Como neste período é forte o “sair de casa”, as relações são marcadas por muitos conflitos. Neste processo a escola torna-se um referencial fundamental para a passagem. É importante estar atento aos modelos que os adolescentes buscam, e discernir qual a escola vai oferecer. Dependendo da opção, possibilitará a passagem saudável ou irá reforçar as fases anteriores e, assim, perder o encanto.

### 3. Educação como possibilidade de Encanto

As contradições humanas decorrentes do seu processo de desenvolvimento precisam ser trabalhados através da educação. Os avanços tecnológicos, em grande parte, modificam a natureza das civilizações descaracterizando o ser humano. Não se trata de rechaçar os avanços do conhecimento humano, mas estar atento e tomar cuidado com as conseqüências.

A escola tem na educação a sua razão de ser, por isso é preciso saber aonde se quer chegar com o processo educacional. Sabemos que a criança tem a capacidade de transformar tudo o que lhe oferecemos. Ela assimila, experimenta e cria à sua maneira. Quanto mais cedo ocorre as influências na vida da criança, mais determinam a sua personalidade.

Como a escola se coloca entre o universo familiar e social, exerce papel preponderante sobre ambas. Ter clareza dessa função abrirá inúmeras perspectivas para uma vida cada vez mais saudável. Sendo a escola o lugar privilegiado de ampliação dos horizontes é preciso considerar os referenciais, “modelos” que são selecionados dos conhecimentos acumulados historicamente para apresentar às crianças, adolescentes, jovens, como também para os educadores. Essa escolha determinará o processo de experimentação e criação.

Reconhecemos que as imagens veiculadas através da tecnologia apresentam seus referenciais e inundam por todos os lados e, sem dúvida, influenciam no processo formativo. Essas imagens propõem um modelo ideal, inatingível, que pouco ou nada tem a ver com as questões fundamentais da vida. Isso cria e intensifica a sensação de impotência e de não-poder.

Acreditamos que a educação tem a função de potencializar e encantar as diferentes dimensões da vida<sup>12</sup>. Para isso o relatório da Comissão Internacional de Educação para o século XXI, entregue a UNESCO, destaca aspectos fundamentais ao afirmar: “Cabe à educação a nobre tarefa de despertar em todos, segundo as tradições e convicções de cada um, respeitando inteiramente o pluralismo, esta elevação do pensamento e do espírito para o universal e para uma espécie de superação de si mesmo”. Trata-se fundamentalmente, de ajudar o aluno a entrar na vida, a ampliar a sua visão de mundo, com a capacidade para interpretar os fatos mais importantes relacionados quer com o destino, quer com o destino coletivo. Esse processo exige a aprendizagem da convivência que o próprio relatório destaca como fundamental: “Vivermos juntos em harmonia deve ser o fim último da educação no século XXI”.

Isso parece muito distante e utópico, talvez não encante a todos, mas não podemos esquecer que as crianças possuem dentro de si o dinamismo de aprender. É tarefa da educação ativar, despertar, estimular, fascinar esse potencial, como afirma Paulo Freire: “ensinar é uma especificidade humana”.

Creemos que os quatro pontos do relatório da UNESCO apontam um estimulante caminho para que a Escola exerça o papel de “parteira”, aquela que cria condições para que a vida possa fluir saudável.

***Aprender a conhecer, a pensar*** – Não se trata de passar, repetir conhecimentos, pois estes estão disponíveis e muitos alunos, talvez, tenham mais acesso que os educadores. O eixo central é

<sup>11</sup>. Frederico NAVARRO/Maria B. DE PAULA. Um novo brasileiro para um Brasil novo, em: *Energia, Caráter e Sociedade*. N. 3, junho de 1994, I.O.O.R./E.O.L.A., RJ, pp. 173-175. No psicodrama se trabalha com muita propriedade os papéis sociais - onde predomina a função “de realidade”, isto é, a dimensão da interação social. Cf. E. Garrido MARTÍM. *J.L.Moreno: Psicologia do Encontro*. Summus editorial, SP, 1983.

<sup>12</sup>. Cf. Hugo ASSMANN. *Metáforas novas para reencantar a educação*. Piracicaba, UNIMEP, 1996.

ensinar a pensar, contextualizar os conhecimentos e inter-relacioná-los com o todo da vida, passar a pensar em rede, “tudo tem a ver com tudo”.

**Aprender a fazer** – Não se trata de dar tudo pronto e sim ensinar a fazer, criar, ir além do que já foi criado, transformar é uma dimensão fundamental da vida.

**Aprender a conviver** – aprender a tolerância, pois todas as realidades tem seus limites. Romper o egocentrismo como também o etnocentrismo, não divinizar nenhum modelo cultural, respeitar a diferença.

**Aprender a ser** – superar o paradigma do ter, “o ter não deve mascarrar o ser”, auxiliar no processo de descoberta do que é essencial na produção da vida.

A possibilidade do encanto é real e a educação tem a função de viabilizá-la, tendo presente que o ser humano mesmo conquistando a sua autonomia<sup>13</sup>, não pode absolutizá-la, pois ela é relacional e se expressa na busca contínua de algo a mais.

#### 4. Religião como possibilidade de Encanto

A dimensão transcendental busca dar sentido último à vida. Procura por ordem e dar um direcionamento para o cotidiano. Esta ordem é dada a partir de perguntas que emergem do passado – de onde vim?, do presente – qual a razão de existir?, do futuro – para onde vou? As perguntas, inquietações, podem estar centradas em uma dessas dimensões, presas no passado, projetadas para o futuro ou centradas no presente.

A ordem nos possibilita a sobrevivência e é fundamental para nos sentirmos em “casa”. Saber a ordem é indispensável para evitar danos à vida. Claro, que nem toda ordem favorece as expressões de vida. A ordem criada pela religião nos tira as dúvidas, nos dá certeza absoluta, nos tira as possibilidades de interpretação diferente que nos ameaçam. Posso até não gostar, mas se é “vontade divina” que posso fazer. Por isso a religião é uma forma de por ordem no real cético, sisudo, excludente que clama por sentido. Mas, não é a única forma.

A religião tem a ver com a atitude dinâmica de abertura efetiva das pessoas e/ou grupo ao sentido fundamental “radical” de sua existência. É uma atitude diante do mundo e, ao mesmo tempo, uma busca de solução além dele. Essa atitude busca um entendimento para os problemas existenciais e por isso transcende as dimensões biológica, psicológica e sociológica do ser humano.

O ser humano é histórico, por isso, sua religiosidade é exteriorizada dentro dos sistemas formais próprios de seu espaço cultural. É dentro de seu contexto que o ser humano procura potencializar-se.

O papel da Escola é o de sensibilizar os alunos para abrirem-se ao transcendente. Pois, num processo educativo plural fica difícil educar para adesão à uma religião específica, tarefa que cabe a cada sistema religioso. A potencialização se dará a partir da aprendizagem e decodificação do fenômeno religioso presente em todas as culturas. O espaço educacional deverá capacitar para que cada criança, jovem, educador, possa reler a própria experiência e a de outros.

Não há uma definição que esgote o sentido da religião. O que sabemos é que ela tem sempre a ver com relação, relação com algo que está além. Relação que emerge de apelos e respostas. Cada apelo exige resposta, que por sua vez suscita novos apelos e novas respostas, assim sucessivamente.

Essa concepção nos remete à compreensão do pluralismo religioso. Compreensão relativamente recente em nossa história, pois até o fim do século XIX, a sociedade brasileira era “unireligiosa”, tendo o catolicismo como religião oficial. Ser católico não era uma opção e sim uma condição para ser considerado cidadão. Toda diferença religiosa era considerada como uma forma desviante da religião oficial, por isso, muitas práticas foram perseguidos por não seguirem o “script” da religião oficial.

Mesmo que se fale em respeito ao pluralismo, não é uma questão pacífica no cotidiano. O diferente sempre cria estranheza e para lidar com essa realidade, exige sintonia com as questões essenciais da vida, pelo contrário, não há diálogo possível. O que dá sentido à vida para um, pode não dar para outro, é preciso descobrir os pontos convergentes no cotidiano.

É preciso considerar que nenhuma visão de mundo é neutra, está perpassada pelos interesses, desejos, preocupações, necessidades... Isso não é diferente no aspecto religioso, sempre há interesses

---

<sup>13</sup> . Cf. Paulo, FREIRE. *Pedagogia da autonomia*. Saberes necessários à prática. RJ, Paz Terra, 1996.

que interagem na sua elaboração. A questão fundamental é dialogar sobre esses interesses na busca do encanto.

Hoje existe uma gritaria de deuses, cada um com sua especificidade. Isso interessa ao projeto neoliberal, que também tem seus deuses, especialmente, a idolatrização, divinização do mercado. Sabemos que essa produção religiosa acaba por legitimar e dar uma sacralidade à opressão e a pior opressão, é a realizada em nome do sagrado.

O que se constata é que quanto mais frágil um povo, mais onipotente o seu deus. Deus que seduz e encanta a vida e, quanto mais o sagrado seduz, mais ele se perpetua. A produção religiosa é condicionada pela saúde ou não dos que a produzem. Por isso, muitas concepções de sagrado não passam de projeções simbióticas, difusas, que inviabilizam as possibilidades relacionais. Talvez, isso nos auxilie na compreensão do trânsito religioso, que, em grande parte, manifesta a busca de encantamento.

Parece que o objetivo mais ou menos comum, no cotidiano da vida, é aliviar os sofrimentos e dar sentido à vida. Cabe no cotidiano da escola detectar os objetivos comuns, para desencadear um processo de encantamento sintonizado na essência da vida.

## 5. O despertar do Encanto no cotidiano da Escola

Para que a escola amplie o seu espaço de encantamento nas diferentes dimensões da vida, destacamos alguns pontos, paradigmas, desafios, que devem ser considerados:

**Sair de casa** – Diante da complexidade do mundo atual muitas pessoas, instituições, entre elas a escola, voltam para casa e passam a cuidar apenas do seu jardim ou dos seus vasos, ficam entrincheiradas e na defensiva. Essa postura inviabiliza o protagonismo efetivo. Por isso, torna-se urgente abrir as janelas e portas e sair. A escola tem uma função social e deve cumpri-la, não dá para ficar enclausurada. A instituição escola é fundamental, mas é preciso ir além, construir a partir dela é tarefa urgente.

**Amar a si mesmo** – é difícil amar a si mesmo, pois o que se ama são as imagens virtuais que cada um cria de si. Só que elas pouco ou nada tem a ver com a realidade. É preciso superar o virtual e mergulhar efetivamente na realidade, partir daquilo que somos e não daquilo que gostaríamos que fosse. O encanto nasce da escola real, dos educadores e alunos reais. A educação e religião deverão criar um processo de vida humanizante.

**Decodificar a realidade** – Situar-se com a problemática do real, para isso, é preciso tirar o véu sacralizado e decifrar as múltiplas interações. A decodificação da complexidade do real rompe as atitudes de resignação. Decodificar o projeto neoliberal excludente, que se apresenta como modelo único, perceber seus objetivos e desencadear projetos alternativos no cotidiano. Contribuir efetivamente para a transformação da sociedade, e para viabilizar isso, é preciso romper a simbiose, desmamar, engatinhar, andar, para atuar no social.

**Conviver com a insegurança** – O pensamento complexo cria insegurança, rompe as verdades consolidadas e a visão dualista das coisas e acontecimentos, e possibilita a flexibilidade. A percepção da inter-relação de “tudo com tudo” abre perspectivas encantadoras, pois contagia o todo do universo. Tudo é movimento dinâmico, nada é estático. Os avanços se dão a partir da crise e dentro desse processo algumas coisas são inegociáveis. A escola é o espaço privilegiado de discernimento, tendo em vista a vida de todos os seres e de toda a humanidade.

**Manter uma atitude dialógica** – Dialogar em todos os momentos e em todas as direções. Ninguém tem A palavra, ninguém é dono da verdade. Há sim, pontos de vista diversos, por isso a postura dialógica rompe os sectarismos fundamentalistas, sejam pedagógicos ou religiosos, relativizam as convicções absolutizadas e abrem possibilidade para a manifestação do Espírito.

**Despertar a criatividade** – A criatividade nasce do querer e não do dever. A escola deverá estimular para que cada um seja o melhor possível, não melhor que o outro, não é ser “Vedete”. Cada um desde o seu potencial deverá contribuir efetivamente para melhorar a “casa comum”, que é o mundo. A criatividade se dará resgatando a memória daquilo que já foi criado, mesclado no presente, através da reflexão-na-ação, tanto individual, grupal, institucional e social sem perder de vista os sonhos, as utopias. Entender que para sobreviver a rotinização de muitos aspectos da vida são indispensáveis, mas estar atento para que a rotinização esteja a serviço da vida, evitando assim, a domesticação e seguir sempre numa atitude criativa.

***Educar para a cidadania*** – A cidadania é para agora e não para depois. A escola deverá criar em todos os segmentos da sua estrutura, atitudes cidadãs. Só a prática cotidiana da cidadania através da inclusão de todos, é que influenciará o conjunto da sociedade. A cidadania tem a ver com atitude, postura, jeito de ser, que é preciso aprender.

***Entender que no humano está o divino*** – Resgatar a espiritualidade da Encarnação, “O Verbo se fez gente e habitou entre nós”. O lugar por excelência para a morada do sagrado é a condição humana com todas as suas contradições. Sem um mergulho na humanidade a escola permanecerá dando respostas a perguntas que não foram feitas. Desenvolver e potencializar uma mística centrada nas questões essenciais da vida.

***Sensibilizar para a formação espiritual do educador*** – O educador precisa descobrir a presença de Deus nos educandos. Isso não é fácil no cotidiano quando as crianças ou jovens não possuem limites. Sempre há esperança, e Deus está lá por mais que não consigamos ver e perceber. Só uma espiritualidade possibilitará um equilíbrio pessoal, consciência dos limites, desempenho da função de educador numa atitude desinteressada capaz de lidar com os fracassos e conquistas. É preciso criar oportunidades para o desenvolvimento da espiritualidade, ela é também fruto de uma aprendizagem.

***Potencializar e encantar a vida*** – O encanto emerge da articulação das diferentes dimensões do ser humano, isto é, desde a sua integridade. A compreensão do ser humano integral resulta da construção coletiva, se dá num processo lento e é passo-a-passo que se abre caminhos. Desencadear a cultura da solidariedade entendendo que a luta para ser incluído é pouco. A solidariedade não é tão natural como se afirma teoricamente, requer conversões penosas, sofridas, generosas. O caminho para potencializar e encantar a vida é o despertar contínuo para a dignidade de sujeitos e protagonistas de sua história, ser sujeitos-cidadãos. Ter como meta fazer com que aquilo que parece impossível se torne possível.

Na sociedade atual a comunicação é direta ao ouvinte, procura envolvê-lo emocionalmente, inclusive utilizando uma linguagem divinizada para atingir os seus objetivos. Fica difícil entrar neste ambiente cultural com uma outra mensagem, que analise as causas dos grandes problemas nacionais e mundiais. Mesmo que por um lado há a secularização, por outro existe uma recuperação da mística e da demanda religiosa. Movimentos basicamente orientados para a satisfação das necessidades subjetivas, de fundo emocional da pessoa ou do pequeno grupo de iniciados. Nesses movimentos há pouco interesse pelos problemas sociais terríveis do país e ignoram o que é original ao nosso processo cultural. Contentam-se em importar o que tem prestígio no mercado mundial. Esses movimentos, inclusive os de origem cristã recuam para o privado.

A missão central e urgente para este milênio, é reencontrar uma posição para o ser humano no universo. A saída é política e se viabilizará através de novos sujeitos emergentes, tanto no particular como no universal. A aparente onipotência da economia cria a impotência e leva a contemplar um deus impotente, mesmo que seus seguidores tenham manifestações onipotentes, na realidade camuflam a fragilidade. O nosso problema não é o ateísmo e sim a idolatria e, para que a vida aconteça é fundamental nos perguntarmos em que “deus” acreditamos e não se cremos em Deus? Por isso é preciso resgatar o fascínio da mensagem transformadora de Jesus, pois sem encantamento ninguém ficará nos projetos por melhor que sejam. A vivência no seguimento de Jesus lança um apelo para inverter a ordem da exclusão, desencadeando processos educativos que incluam todos na dinâmica social. Para isso torna-se urgente potencializar o ser humano, pois esse é o clamor do Universo todo. E, nesse processo, temos múltiplas razões e possibilidades de fazer o que sonhamos e, sem dúvida, seguir sonhando.

*Antonio Boeing - AEC/SP*